

# ***“Fortified Cell” e “Dangerous Places”*: Processos de Fragmentação do Tecido Sociopolítico-Espacial em Cidades Médias – Resende e Volta Redonda-RJ**

## **“Fortified Cells” and “Dangerous Places”**: Processes of Fragmentation of Sociopolitical-Spatial Fabric in Medium-Sized Cities – Resende and Volta Redonda, RJ

Eliane Melara<sup>i</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro, Brasil

**Resumo:** Nesse artigo, objetivamos analisar o processo de fragmentação do tecido sociopolítico-espacial nas cidades médias de Resende e Volta Redonda (RJ). Para realização dessa pesquisa, contamos com informações referentes à localização de espaços residenciais fechados e controlados, dados relacionados a renda (IBGE, 2010) e dados criminais obtidos nas delegacias das cidades (2013). Além disso, entrevistamos diversos atores necessários ao entendimento da pesquisa. Concluímos que, embora a territorialização do tráfico de drogas não seja tão intensa nessas cidades quanto é nas metrópoles, tem contribuído para o imaginário da insegurança urbana das camadas mais abastadas, as quais, muitas vezes, têm optado por viver em espaços autosssegados.

**Palavras-chaves:** Fragmentação do Tecido Sociopolítico-Espacial; Espaços Residenciais Fechados e Controlados; Tráfico de Drogas.

**Abstract:** The aim of this article is to analyze the process of fragmentation of sociopolitical-spatial fabric in the medium-sized cities of Resende and Volta Redonda (Rio de Janeiro State). Information concerning the location of closed and controlled residential spaces and data related to income was accessed from IBGE (2010) and criminal data obtained from police stations of the cities in 2013. Furthermore, residents of different areas of the cities were interviewed as well as journalists and the police. The results indicated that although the territorialization of drug trafficking is not as intense as it is in Brazilian metropolitan areas, it still contributes to the image of urban insecurity among wealthier people, who have often opted to live in gated self-segregated spaces, which have multiplied locally.

**Keywords:** Fragmentation of Sociopolitical-Spatial Fabric; Closed and Controlled Residential Spaces; Drug Trafficking.

---

<sup>i</sup> Pós-doutoranda do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRJ. Bolsista PNPd/CAPES. geocalcitapiti@yahoo.com.br

## Introdução

Durante muito tempo, e até nos dias atuais, o modelo de cidade centro-periferia caracterizava a maioria das cidades do mundo. Porém, o crescimento da população urbana de forma expressiva, iniciado especialmente no período da 1ª Revolução Industrial, fez com que o centro e a periferia de muitas cidades se tornassem cada vez mais complexos. Essa complexidade veio acompanhada também de diferentes processos de separação entre classes sociais e formação de novas centralidades.

Atualmente, as metrópoles dos países semiperiféricos, como as do Brasil, são poli-cêntricas, altamente segregadas e fragmentadas. Observamos a formação de verdadeiras “células fortificadas” (DAVIS, 1992; 1993), chamados de *gated communities* pela literatura norte-americana, e, condomínios fechados, loteamentos murados, ou condomínios exclusivos, no Brasil. Por outro lado, temos também uma segregação imposta, com a formação de “bolsões de pobreza”, muitas vezes, territorializados pelo tráfico de drogas. Esses processos segregacionistas e fragmentadores são bastante presentes nas metrópoles brasileiras; nas cidades médias, esses processos têm-se intensificado a partir da década de 1990. Assim, nesse artigo, objetivamos analisar o processo de fragmentação do tecido sociopolítico-espacial nas cidades médias<sup>1</sup> de Resende e Volta Redonda (RJ), dando ênfase à produção de espaços residenciais fechados e controlados e espaços territorializados pelo tráfico de drogas.

Para realização dessa pesquisa, contamos com informações provenientes da prefeitura sobre a implantação de condomínios e loteamentos, dados relacionados a renda (IBGE, 2010) e dados criminais obtidos nas delegacias das cidades (2013). Além disso, entrevistamos policiais da esfera federal, civil e militar, jornalistas responsáveis pela seção policial, e moradores de áreas contrastantes da cidade, considerando diferentes níveis salariais – residentes dos espaços controlados (condomínios fechados e loteamentos murados) e moradores dos bairros considerados como “perigosos”.

## Processos de Fragmentação do Tecido Sociopolítico-Espacial em Cidades Médias: um Estudo em Resende e Volta Redonda-RJ

Não sendo foco desse estudo, mas não menos importante, é interessante mencionar que as cidades de Resende e Volta Redonda estão localizadas na região do Vale Paraíba<sup>2</sup> e ambas vêm passando por processos de reestruturação urbana, modificando seus índices populacionais, PIB, IDH e organização interna de seu espaço urbano. A localização estratégica de Resende (entre as duas principais metrópoles brasileiras, Rio de Janeiro e São Paulo), os incentivos fiscais, entre outros fatores, proporcionaram, a partir da década de 1990, um intenso recebimento de unidades industriais automotivas para essa micror-região: a Volkswagen, com a produção de caminhões e ônibus, em 1996, e da Nissan, em 2013, se instalaram em Resende. Outros municípios da região também receberam esse tipo de indústria, como Porto Real, com a chegada da Peugeot/Citroën em 2001. Itatiaia recebeu a instalação da Hyundai Heavy Industries no ano de 2011 e recentemente, em 2016, recebe a Jaguar Land Rover. São empresas de lógicas pós-fordistas que vêm gerando um processo de reestruturação produtiva nas cidades e na região, o que, conseqüentemente, interfere na produção do espaço das duas cidades escolhidas para

esta pesquisa. Volta Redonda, por sua vez, representa um grande potencial industrial na região desde a década de 1940, com a implantação da CSN. Esses processos de reestruturação produtiva e urbana estão inseridos num modelo global de produção pós-fordista, chamado por Harvey (2009) de acumulação flexível. Nas metrópoles brasileiras, as mudanças vêm ocorrendo desde 1970; porém, nas cidades médias, esses processos se tornaram mais intensos na década de 1990. A reestruturação produtiva de muitas cidades do Brasil vem acompanhada de mudanças na organização interna dessas cidades, favorecendo processos e fragmentação, segregação, autosegregação.

Sposito (2013, p. 84) analisa que:

Trata-se, assim, a meu ver, de processos que se sucedem no tempo, sendo o de fragmentação socioespacial mais recente e mais abrangente, visto que resulta num arco amplo de dinâmicas, envolvendo diferentes formas de uso e apropriação do espaço. Assim, não se poderia aplicar essa ideia à cidade do começo do século XX, a partir do qual se enunciou o conceito de segregação, sendo, entretanto, possível tratar tanto a segregação socioespacial como a fragmentação socioespacial, na cidade atual, reservando-se esta última expressão para analisar o conjunto das formas de diferenciação e segmentação socioespacial presentes nos espaços urbanos contemporâneos, incluindo-se entre elas o par segregação ↔ autosegregação, este muito mais atinente ao uso residencial do solo. [...] a fragmentação socioespacial é mais ampla, porque abarca o conjunto da cidade e só pode ser apreendida pelo conjunto das suas relações, as realizadas e as não realizadas. Do ponto de vista da profundidade o par segregação ↔ autosegregação é mais radical, porque associa-se a formas materiais e imateriais de separação, contendo em muitos casos o direito à interdição de ir e vir, que muros de sistemas e segurança tornam-se evidentes e que controles de outras naturezas efetivam, ainda que de modo mais subliminar.

Todas essas mudanças mencionadas no setor produtivo de Resende e Volta Redonda têm favorecido um crescimento urbano significativo<sup>3</sup>, aumentando as desigualdades socioespaciais dessas cidades, formando áreas fortemente autosegregadas, e áreas onde há uma predominância dos processos de segregação induzida e segregação imposta. De acordo com Corrêa (2011 [1991]), a segregação residencial é um dos processos que ocorrem no espaço urbano que mais geram separação; o autor considera três tipos de segregação residencial. Temos o processo de autosegregação, que é uma política de classe associada à elite e aos estratos superiores da classe média, influenciando nas condições de reprodução do espaço. Por outro lado, temos a segregação imposta, relacionada àqueles que não têm opção de escolha; e buscam os locais mais baratos para moradia, nas áreas mais pobres das cidades, onde as condições de infraestrutura urbana são precárias. Além dessas, temos a segregação induzida, que está relacionada àqueles que têm poucas condições de escolha, determinados pelos preços das terras e imóveis, onde a homogeneidade é menor do que nas áreas de segregação imposta e autosegregação.

O aprofundamento desses processos de autosegregação e segregação imposta, nas metrópoles do Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo, favorece o processo de fragmen-

tação do tecido sociopolítico-espacial, especificada por Marcelo Lopes de Souza (2006), provocando o enclausuramento dos mais ricos, em condomínios exclusivos e impondo um fechamento de áreas pobres, através do poder do tráfico de drogas sobre as favelas, modificando suas práticas socioespaciais.

Para Souza (2006, p. 466, grifos do autor), “A fragmentação do tecido sociopolítico-espacial não se confunde inteiramente com, nem é redutível à ‘clássica’ segregação residencial, tal como experimentamos, até os anos 70, no Rio de Janeiro e em São Paulo [...]”. Para o autor (p. 473, grifos do autor): “[...] no fundo, a segregação até vem sofrendo, dos anos 80 para cá, um certo aprofundamento, por conta daquilo que o autor já chamou de uma ‘atualização’, ou um *revival* exasperado do ‘mito da marginalidade’ [...]. Desse modo, os favelados agora são taxados como traficantes ou traficantes em potencial, a territorialização das favelas por parte dos traficantes de varejo, por exemplo, ultrapassa os limites da segregação usual, provocando fraturas no espaço – fragmentação. Souza (2006, p. 474, grifos do autor) “Com isso, não se quer afirmar que a descontinuidade seja ‘total’, pois a fragmentação, como já foi dito, se *acrescenta* a segregação e a *agrava*”.

Conforme Souza (2008, p. 59), estamos lidando com uma cidade cada vez mais segmentada por fronteiras invisíveis e ilegais, que muitas vezes reduz sua mobilidade espacial intraurbana, tanto dos pobres, por exemplo, quando pessoas de uma favela já dominada e “territorializada” por uma facção são impedidas de visitar familiares de outra favela dominadas por outra facção, ou quando pessoas das classes médias e altas deixam de frequentar determinados espaços por causa do medo. Nas cidades médias, esse processo de fragmentação do tecido sociopolítico-espacial parece ganhar força nas últimas décadas; especialmente as cidades médias favorecidas por um certo crescimento econômico, associado ao um crescimento populacional significativo não acompanhado de políticas públicas voltadas para os setores sociais (MELARA, 2016).

Com isso, a reestruturação urbana de Resende e Volta Redonda, iniciada na década de 1990 e intensificada a partir dos anos 2000, tem influenciado o mercado imobiliário das duas cidades, favorecendo o investimento em espaços fechados e controlados como os condomínios fechados e loteamentos murados<sup>4</sup>, e os *shopping centers*. Verificamos ainda que o tráfico de drogas tem penetrado em muitas áreas das cidades de Resende e Volta Redonda, especialmente bairros com *déficits* no campo social, aumentando o número de outros crimes, como lesões corporais, homicídios, roubos e furtos. Essas áreas são consideradas “perigosas” pela população em geral, mídia e autoridades responsáveis pela segurança<sup>5</sup>. Nesse contexto, a insegurança urbana e a criminalização da pobreza fazem parte das representações e práticas socioespaciais de ambas as cidades.

### **“Fortified cell”: Espaços Residenciais Fechados e Controlados**

Em Resende, pesquisamos que, desde a década de 1990 e especialmente depois do ano de 2000, muitos espaços fechados e controlados têm sido construídos e projetados na cidade. Na Figura 1 observamos que no setor mais sudoeste da cidade há a localização de vários empreendimentos residenciais caracterizados como fechados e controlados e que concentra uma população com uma renda elevada (IBGE, 2010). Outro setor de valorização imobiliária da cidade se concentram no setor nordeste da cidade, com a presença de

hipermercados e do novo *shopping center* implantado em 2010 (MELARA, 2016). Em Volta Redonda, o setor sudeste da cidade tem concentrado uma gama de espaços fechados e controlados; são bairros que concentram uma porcentagem elevada de pessoas que recebem mais de 10 salários mínimos (IBGE, 2010). Também podemos analisar que, em Volta Redonda, esse setor da cidade também conta com a presença de hipermercados e *shoppings centers*, e da UNIMED, demonstrando ser um setor da cidade bastante valorizado economicamente. Nas fotos e nos trabalhos de campo realizados no ano de 2015, observamos que os condomínios e loteamentos de ambas as cidades são caracterizados por apresentar barreiras físicas, como muros, grades, portaria e sistemas de segurança (Figura 2)<sup>6</sup>.

De acordo com Souza (2012 [1999], p. 197), a autoss segregação está relacionada, especialmente ao escapismo da elite e à degradação da civilidade. Para o autor, a consolidação desse fenômeno nas cidades brasileiras, especialmente nas cidades grandes, como Rio de Janeiro e São Paulo, pode estar relacionada a cinco fatores importantes: 1) paisagem urbana marcada pela pobreza e, em muitos casos, com a degradação do centro e áreas tradicionais; 2) deterioração das condições de habitabilidade e qualidade ambiental, devido a poluição sonora, do ar, congestionamentos etc., dos bairros tradicionais; 3) busca por uma maior “exclusividade social”; 4) busca por espaços com mais amenidades naturais e 5) Aumento da criminalidade violenta e também da sensação de insegurança.

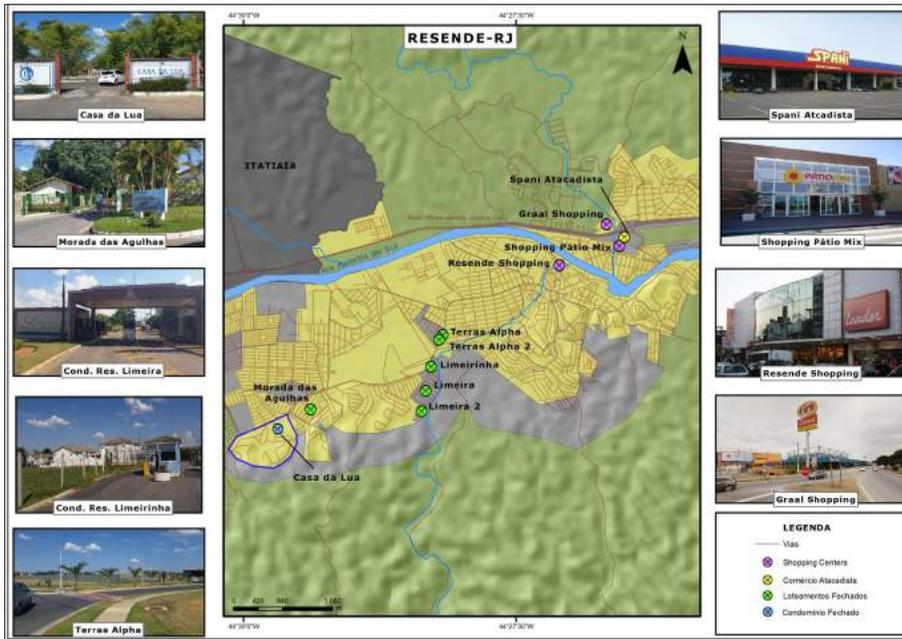


Figura 1 – Localização dos condomínios fechados e loteamentos murados, e outras amenidades, como *shopping centers*, hipermercados, em Resende-RJ.

Fonte: Melara (2016, p. 138).

Para Resende e Volta Redonda, analisamos que o primeiro motivo “paisagem urbana marcada pela pobreza e informalidade e degradação das áreas centrais”,<sup>7</sup> foi analisada como uma característica que não confere com as cidades aqui estudadas. A área central ainda é o local que concentra riquezas, tanto a nível residencial, como a nível de serviços, comércio, lazer, contando também com a presença de *shopping centers* (SILVA, 2017a, 2017b).

O segundo motivo exposto por Souza (2012, [1999]) foi sobre a diminuição da qualidade de vida das áreas centrais tradicionais, com problemas como: congestionamento, poluição etc. Percebemos, então, que esse é um fator relativamente presente nas cidades estudadas por nós, porém, ocorre com menor intensidade do que as áreas centrais metropolitanas. De fato, as distâncias não tão grandes centro-periferia e os valores acessíveis dos terrenos favorece o investimento nesse setor imobiliário. Volta Redonda, devido à localização da CSN no centro da cidade, apresenta um aspecto bastante degradado em algumas áreas e uma poluição aguda.

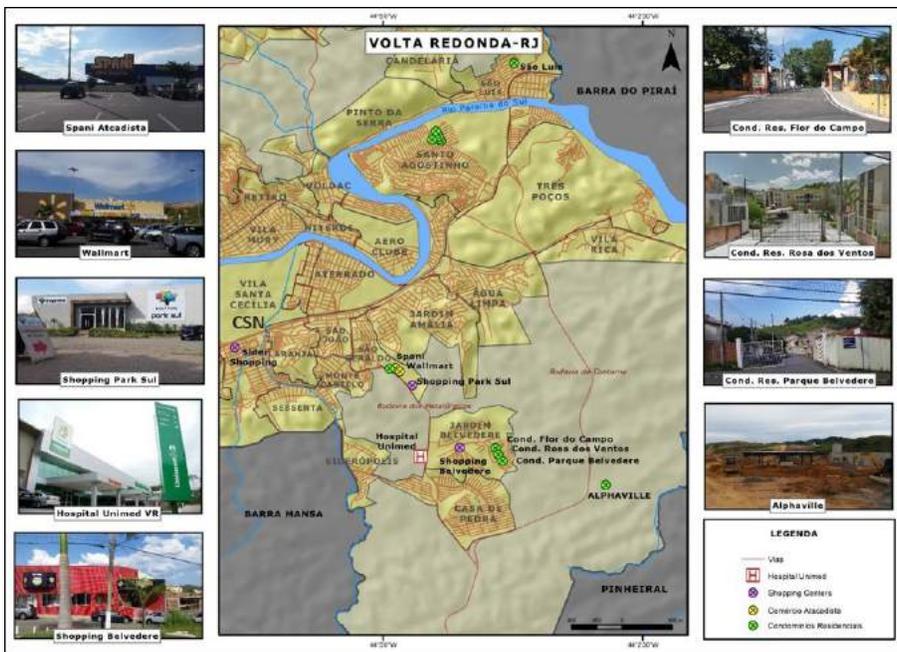


Figura 2 – Localização dos condomínios fechados e loteamentos murados, e outras amenidades, como *shopping centers*, hipermercados, UNIMED, em Volta Redonda-RJ. Fonte: Melara (2016, p. 148).

Outra questão focada por Souza (2012 [1999]) foi a busca por uma maior exclusividade social e amenidades naturais. Este ponto foi bastante enfatizado pelos entrevistados, moradores de espaços fechados e controlados; muitos deixaram claro que a homogeneidade da vizinhança era fundamental, inclusive o padrão das residências:

“Aqui tem muitos aparatos de segurança: portaria, vigilância etc. e comodidades, como: clube, local planejado e agradável. Nesse condomínio a vizinhança é selecionada, as pessoas são obrigadas a seguir as regras de construção, não tem aquela coisa de puxadinhos. Se alguma coisa estiver incomodando tem uma administração para cuidar desses problemas”. (Sandro, engenheiro químico, morador do Terras Alphaville Resende, janeiro de 2015).

“Antes tinha vizinhança de outra classe, queremos que seja da mesma classe, que ganham uns R\$ 6 mil para cima”. (Francisco, funcionário da prefeitura, formado em Administração, morador do Residencial Jardim Suíça, Volta Redonda, fevereiro de 2015).

Nas entrevistas realizadas, podemos observar que as pessoas se caracterizaram por apresentar uma renda familiar considerada alta para essas cidades<sup>8</sup> – acima de 5 mil reais. De acordo com a classificação de classes do Ipea seria uma população pertencente à classe A ou B, pois uma renda acima de R\$5 mil as pessoas já pertencem a classe B. Observou-se que a maioria dos entrevistados eram homens e mulheres casados e com filhos (1 ou 2 filhos), na maioria das vezes o casal tinha uma ocupação profissional bem remunerada. Todos tinham formação em curso superior, alguns tinham pós-graduação. As formações profissionais variavam entre professores, médicos, engenheiros, alguns eram empresários e muitas pessoas de Volta Redonda eram funcionários da prefeitura. As características das moradias dos entrevistados, em geral, apresentavam 3 a 4 quartos, com 3 ou mais banheiros, o que significava ser uma residência bastante confortável.

Poucas pessoas mencionaram a importância da presença de áreas naturais, porém os entrevistados deram ênfase a outras amenidades oferecidas por muitos loteamentos e condomínios como as possibilidades de lazer, com uso de clubes, piscinas etc. Alguns mencionaram que os motivos de morar no condomínio estavam relacionados a “agradabilidade do lugar e a tranquilidade oferecida” – talvez essas falas estivessem se referindo às amenidades naturais.

Sposito e Góes (2013) observaram que nas cidades médias por elas estudadas (Marília, São Carlos e Presidente Prudente), os motivos principais pela escolha de morar em condomínios foi a busca por um estilo de vida (*status*), oportunidade de compra e segurança. Em Resende e Volta Redonda, estas questões se repetiram. Oportunidade de investimento foi um dos motivos mencionados por alguns entrevistados, já que quando compraram seu lote, o preço era mais baixo.

Outro ponto importantíssimo que caracteriza a autosegregação das grandes cidades, como citado por Souza (2012, [1999]), é o problema da criminalidade e a sensação de insegurança urbana. Para os entrevistados dos espaços residenciais fechados de Resende e Volta Redonda, essa foi uma questão muito enfatizada. Há uma sensação de insegurança urbana, que faz parte de um fenômeno de “medo” generalizado no mundo, porém, com grande destaque para as grandes cidades dos países periféricos e semiperiféricos, como o Brasil, especialmente devido à problemática da violência e da criminalidade. Muitas vezes, essa sensação de insegurança pode estar relacionada com

o aumento dos índices criminais, no entanto, em muitos momentos é criada uma sensação de medo com objetivos mercadológicos. A mídia e agentes imobiliários acabam por “lucrar” com a venda da “violência e do medo”<sup>9</sup>.

A arquitetura do medo, como chamada por Nan ELLI (1996; 1997), vem sendo muito utilizada no Brasil, mas tem suas origens nas cidades norte-americanas. Mike Davis (1992), fala sobre a militarização da vida nas cidades, destacando Los Angeles como uma cidade obcecada pelo policiamento das fronteiras sociais. Los Angeles está vivendo em “*fortress cities*”, brutalmente divididos entre “*fortified cell*” e “*places of terror*” – áreas fechadas e controlados onde vive uma população de classe média e alta *versus* locais de criminalização dos pobres. Nessa cidade, como em outras da América, a polícia tem sido a líder da segurança ofensiva. Los Angeles é caracterizada como “o renascimento urbano”, ou como “a cidade do futuro”, com a brutal separação das pessoas por classe e por cor, através de construções.

Ao encontro dessas colocações, Pedrazzini (2006, p. 114, grifos do autor) colabora:

[...] O mercado da segurança evolui com a venda de territórios seguros. Os condomínios fechados (*gated communities*) aspiram à posição de refúgio da paz num mundo em guerra. Evidentemente, eles não estão ao alcance de todos aqueles que têm medo. Para que os fabricantes de segurança possam continuar vendendo seus produtos, o território da cidade não deve estar totalmente pacificado. Se acabassem com a insegurança, por que nos enclausuraríamos voluntariamente em prisões douradas? Quem assustaria os pobres que podem se proteger, se vivêssemos em paz? Na espera de que o preço da água alcance o do petróleo, o valor do metro quadrado seguro aumenta. A insegurança traz benefícios a todas as empresas que investem no desenvolvimento da arquitetura defensiva, no urbanismo do medo e da segurança, a todos aqueles que têm interesse em que a construção de *cidades mais seguras* passe pela transformação da segurança do espaço, a começar pelo que chamamos – contrariando o bom senso – de espaço público.

Analisou-se que a produção do medo e da insegurança não tem uma relação linear com a ocorrência de crimes. Segundo dados pesquisados nas delegacias e Instituto de Segurança Pública durante meu doutoramento (MELARA, 2016), os índices criminais<sup>10</sup> têm aumentado em Resende desde 2005 até 2013, já em Volta Redonda os números da violência têm diminuído. No entanto, nas duas cidades as pessoas entrevistadas, moradoras de espaços fechados e controlados enfatizaram a questão da importância da segurança.

O medo do crime recaiu sobre áreas periféricas e pobres da cidade, especialmente nas áreas onde o tráfico de drogas tem presença significativa, assim como a ocorrência de homicídios, sendo bairros bastante destacados nas notícias jornalísticas. Quando entrevistadas sobre as causas da criminalidade, muitas pessoas<sup>11</sup> enfatizaram a questão do tráfico de drogas:

“São pessoas que vieram de outras cidades, não só uma questão de renda, as pessoas se envolvem com **drogas** e isso recai sobre a população menos favo-

recida. [...] Os crimes têm a ver com **a droga**, as pessoas querem ter poder”. (*Lúcia, Corretora e administradora, Condomínio Morada das Agulhas, janeiro de 2015, Resende*).

A **droga** faz as pessoas cometer crimes, pois querem conseguir as coisas fáceis, sem trabalhar, sem estudar. **Traficar** é uma forma fácil de ganhar grana. Além disso, envolve problemas familiares, culturais, e inversão de valores. (Adalberto, engenheiro químico, Condomínio Morada das Agulhas, janeiro de 2015, Resende).

“As causas dos crimes, por exemplo, no homicídio, pode ser **tráfico**, rixas de gangues, ou familiares, passionais, de vizinhança. [...] Existe em Resende a Zona do Medo – Cidade Alegria. Divisa entre viciados e **traficantes** que se dizem donos do lugar” (Manoel, inspetor da delegacia, janeiro de 2015, Resende).

“Tem a ver com o **tráfico de drogas** [...]. Não é necessidade, é malandragem”. (Carlos, Advogado, empreendedor do Alphaville, fevereiro de 2015, Volta Redonda).

“Primeiro, o **uso e tráfico de drogas**. Classe baixa, pessoas jovens, pouca qualificação na educação, famílias desestruturadas, sem apoio, furtam para sustentar o vício, uso de armas etc. Segundo, a falta de perspectivas dos jovens, educação ruim, alienados ao consumismo, falta de uma formação. Terceiro a família que da pouca atenção, sem pai, mãe trabalha. Quarto a troca de valores provocados pela mídia, consumismo exagerado”. (Ismael, secretário do desenvolvimento, bairro Laranjal, fevereiro de 2015, Volta Redonda).

“As pessoas que praticam esses crimes são pessoas que na maioria são reincidentes. Conforme da **facção** que são simpatizantes ficam presos aqui ou vão para o Rio, para Bangu. Para prática desses crimes há um conjunto de fatores: convivência com a criminalidade, busca por uma vida mais fácil, a maioria apresenta um baixo nível de instrução. A falta de emprego também influencia, mas é o último fator que se pode pensar”. (Ivo, major da Polícia Militar, coordenador do CIOPS, fevereiro de 2015, Volta Redonda).

“Acontece mais criminalidade em bairros mais periféricos, há uma **cultura do tráfico** nesses lugares. Açude (1, 2, 3), Vila Americana, Retiro, Jardim Cidade do Aço, Santo Agostinho – Morro da Conquista, neste morro tinha um bandido que aterrorizava as pessoas, matava mesmo, cortava cabeça, expulsava, o pegamos”. (Aluisio, delegado, fevereiro de 2015, Volta Redonda).

Embora as pessoas mencionem os problemas sociais como facilitadores da criminalidade, especialmente do tráfico de drogas, o que não deixa de ser uma realidade, o foco está sempre direcionado para as classes baixas, pouco ou nada se fala sobre os crimes do colarinho branco ou dos facilitadores do tráfico de drogas. A mídia, as instituições policiais e judiciais corroboram com formação dessa opinião de senso comum, pois as

ações criminalizadas geralmente são praticadas por pessoas pobres – é um processo de criminalização da pobreza e de construção do medo.

Para fechar esse subcapítulo, analisamos, dentro dessa perspectiva que, os moradores dos espaços fechados e controlados têm o privilégio de manter uma relativa estabilidade familiar e profissional, elementos de luxo, nessa nova sociedade globalizada, flexível, instável, incerta e insegura. O tipo de moradia contribui para manter esta estabilidade, separando-se do mundo e seus problemas dentro de uma “célula fortificada e estável”. Quando analisamos pelo viés da autossegregação, podemos dizer que as cidades médias de Resende e Volta Redonda parecem encaminhar-se nitidamente para um processo de fragmentação do tecido urbano.

### ***“Dangerous Places”*: Bairros do Tráfico de Drogas**

O tráfico de drogas é um problema que tem atingido muitas partes do mundo, especialmente as cidades, de diferentes dimensões e funções. As consequências desse “negócio” têm favorecido a ocorrência de outros tipos de crimes, aumentado a sensação de insegurança urbana e modificado as práticas socioespaciais das cidades onde isso ocorre. Embora as metrópoles brasileiras sejam as principais detentoras desse esquema “ilegal”, as cidades médias e até cidades pequenas já sofrem com a violência decorrente do tráfico.

O sistema de funcionamento do tráfico de drogas é bastante complexo, embora as ações policiais tendam a recair quase sempre sobre as áreas mais pobres das cidades. Souza (2012, [1996]) faz uma análise do tráfico de drogas considerando diferentes escalas – global, nacional e local – identificando dois grandes subsistemas de funcionamento: o “atacado” e o “varejo”.

O subsistema “atacado” do tráfico, são representados pelos “parceiros” e os “facilitadores”, ou seja, agentes envolvidos na lavagem de dinheiro e por funcionários corruptos, isto é, aquelas pessoas pertencentes aos segmentos de médio e alto poder aquisitivo – chamado de subsistema importação/exportação/atacado (I-E-A). Esse subsistema é responsável pela importação de droga (Colômbia, Bolívia etc.), pela exportação para Europa e Estados Unidos, por exemplo. Além de serem os responsáveis pela droga que chega no subsistema do varejo. A região Norte e Centro-Oeste são os principais locais por onde a droga entra no Brasil. Na maioria das vezes, esse subsistema agrega pessoas de um nível social bastante elitizado.

O outro subsistema representado é o “varejo”, caracterizado como a ponta dessa rede, no qual muitos jovens pobres fazem o serviço “pesado” do tráfico, arriscando serem presos, morrer ou matar. Eles são chamados pelo autor, seguindo uma hierarquia decrescente de poder no esquema local do tráfico do “varejo”, como: donos da boca de fumo, gerentes, soldados, embaladores, aviões, olheiros, revendedores, usuários-revendedores, que, em muitos casos, estão alocados nas áreas mais pobres das cidades – nas favelas, no caso das grandes cidades. Além disso, temos os policiais corruptos que extorquem os traficantes e também lucram com esse comércio.

Segundo Souza (2008, p. 61), os traficantes do “varejo”, muitas vezes são “demonizados” pela grande imprensa, fazendo com que as atenções se voltem todas para

eles e com que os grandes traficantes, chamados pelo autor de subsistema do I-E-A, ou "importação-exportação-atacado" passem despercebidos. Outra característica desses traficantes do "varejo" varia em coagir a população, controlando o acesso a água, gás e cobrando determinadas taxas, às vezes humilham moradores, proibindo amizades etc. Por outro lado, podem defender a área territorializada, "protegendo" contra outras formas de criminalidade, por exemplo. Segundo o autor, o lucro dos varejistas tem diminuído desde os fins dos anos de 1990, a partir da extorsão praticada pela polícia corrupta, ou pelas milícias, que se constituem como grupos de extermínios, expulsando ou subordinando os traficantes, chegando até a ocupar o lugar dos traficantes. Nesse contexto, o autor chama a atenção para a fragmentação do tecido sociopolítico-espacial provocado pelo poder do tráfico, territorializando uma área, e muitas vezes estabelecendo leis próprias e cerceando a liberdade de ir e vir dos moradores.

O tráfico e consumo de drogas é um crime que envolve todas as camadas sociais, embora as ocorrências criminais registradas estejam focadas geralmente em áreas onde vive uma população de baixa renda. Isso se deve, primeiramente, porque a polícia tende a agir por estereótipos e pelo senso comum, criminalizando as camadas menos favorecidas, poucas investigações são destinadas àqueles envolvidos no tráfico pertencentes às camadas mais altas – "subsistema atacado" (SOUZA 2012 [1996]). Segundo, porque as consequências da desigualdade social produzem áreas segregadas nas cidades, onde vive uma população com baixa qualidade de vida, baixos níveis de instrução, o que consequentemente diminui as possibilidades de emprego e consciência política e crítica da realidade, e, dentro desse contexto, muitas vezes, o tráfico é uma saída rápida para quem, por um lado, não tem alternativa melhor ou por outro, é levado por "desejos consumistas" e está em busca de poder e prestígio dentro de seu território. (Souza 2008; 2012 [1996]; Paixão, 1983).

Nas cidades médias pesquisadas nesse artigo, observamos que a espacialização do tráfico de drogas também se deu nas áreas mais periféricas e pobres das cidades de Resende e Volta Redonda. Na tese de Melara (2016), realizamos, além de uma espacialização criminal por bairro, também uma espacialização relacionada a renda (IBGE, 2010) como já foi mencionado anteriormente. Em ambas as cidades, muitos bairros periféricos concentram uma porcentagem maior de população que recebe menos de 2 salários mínimos, e alguns deles têm-se destacado no número de crimes relacionados ao tráfico de drogas. Como podemos ver na Figura 3, em Resende os bairros 17-Cidade Alegria, 58-Vila Itaipuca e 42-Paraíso se destacaram na quantidade de ocorrência desse tipo de crime. Em Volta Redonda, os bairros que se destacaram foram o 36-Santo Agostinho, 20-Padre Jósimo Tavares e 48-Vila Brasília (Figura 4).<sup>12</sup>

As pessoas entrevistadas (moradores dos espaços fechados e controlados, e autoridades relacionadas à segurança) também enfatizaram essa problemática nas mesmas áreas diagnosticadas pelos dados. Dessa forma, achamos importante, entrevistar os moradores dos bairros que apresentaram números significativos nas taxas relacionadas ao crime do tráfico de drogas como demonstrado nas Figuras 5 e 6.

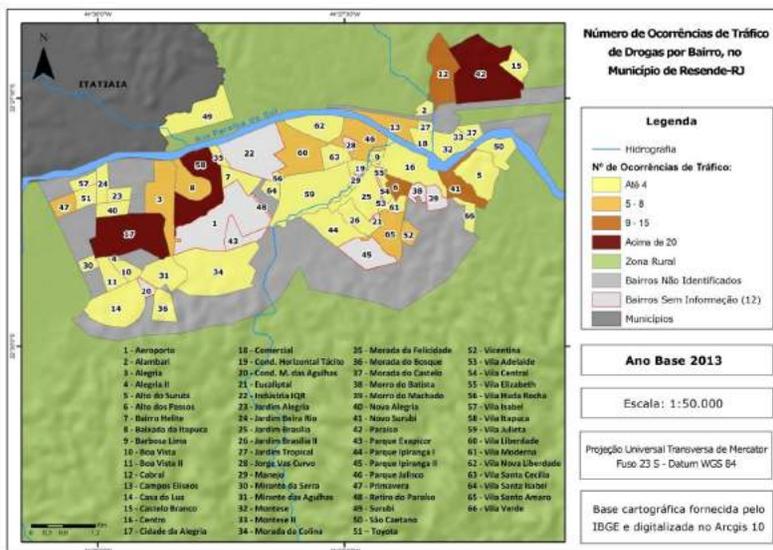


Figura 3 – Números de ocorrência de tráfico e consumo de drogas por bairro, em Resende-RJ.

Dados fornecidos pela Delegacia de Resende (2013).

Fonte: Melara (2016, p. 207).

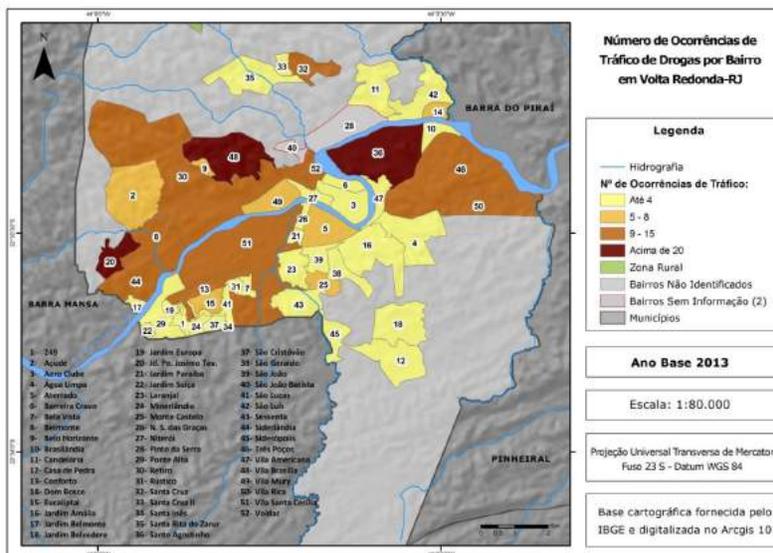


Figura 4 – Números de ocorrência de tráfico e consumo de drogas por bairro, em Volta Redonda-RJ. Dados fornecidos pela Delegacia de Volta Redonda (2013).

Fonte: Melara (2016, p. 210).



Figura 5 – Fotos dos bairros Cidade Alegria e Paraíso, Resende-RJ (2015).  
Fonte: Melara (2016, p. 195).



Figura 6 – Fotos dos bairros Vila Brasília, Padre Josimo Tavares e Santo Agostinho, Volta Redonda-RJ (2015).  
Fonte: Melara (2016, p. 196)

Um ponto interessante é que “as facções” rivais são denominadas igualmente às facções localizadas no Rio de Janeiro. No entanto, segundo alguns policiais, as facções cariocas, muitas vezes, nem reconhecem estas como pertencentes ao mesmo grupo. Quando ocorrem prisões, aqueles que se denominam do Comando Vermelho são encaminhados ao presídio de Bangu, na cidade do Rio de Janeiro. Já aqueles simpatizantes do Terceiro Comando Puro são encaminhados para o presídio de Volta Redonda. Pois, caso não seja feita esta triagem, ocorrem assassinatos dentro das prisões. Podemos ver que, mesmo presos, os traficantes ainda representam um significativo poder de controle do crime. Muitos entrevistados afirmaram ainda que Resende, por exemplo, é um ponto de passagem da droga, que vem de outras regiões do Brasil, passa por São Paulo, e chega até o Rio de Janeiro através de Resende.

“Existe 3 facções de tráfico: TCP, CV, Amigos dos Amigos. Tem aqueles que se intitulam simpatizantes de um outro grupo. [...] TCP está no Paraíso, Cabral, Alvorada. [...]. Quem comandava aqui era o Carvoeiro, que foi preso em 2009 pelo Ministério Público, mas agora está liberto. Impossível prender ele porque nunca foi encontrado com droga. Ele manda outras pessoas fazer isso, por exemplo semana passada a irmã dele foi presa com 60 mil reais e com 15kg de cocaína. [...] CV é na Cidade Alegria, comando pelo Naldinho que está preso em Bangu. [...] 90% de quem trafica são menores, das classes mais baixas, em locais onde o perfil da população é de classe baixa. Tem muita impunidade para com o menor, por isso continua traficando. Por exemplo, meu sogro que é taxista, foi esfaqueado por 2 menores, porém fugiram, e se apresentaram na polícia depois, como são menores e não foram pegos em flagrante foram liberados. Além disso, as pessoas são sempre reincidentes”. (Joarez, capitão da Polícia Militar, janeiro de 2015, Resende).

“Hoje tem deputados que são financiados pelos traficantes. Resende é um ponto de passagem da droga de São Paulo para o Rio de Janeiro, a qual vem do Paraná, Mato Grosso do Sul”. (Jair, capitão da Polícia Rodoviária Federal, janeiro de 2015, Resende).

“Lugares violentos – Vila Brasília, Coqueiro, Mariana Torres, Belo Horizonte, Vale Verde, fazendinha. Padre Josimo é um terreno ocupado por posseiros desde 1990. [...] Bandidos famosos, existem três: 1) Adilson Ramos Freitas – Dinho, simpatizantes do Comando Vermelho, um cara que matava por crueldade, obrigava as pessoas a alimentar ele, expulsava pessoas do bairro; 2) tem o outro Vladimir Marcelo Camilo da Silva (Vaca) até 1999; 3) e tem o Marcelo Camilo da Silva, chamado de Marcelinho Paraíba, preso em 2011. Continua comandando o tráfico de dentro da cadeia. Atirou num sargento Luis Brum, fugiu do Complexo do Alemão, e foi preso na Av. Brasil [...]. Considera que, hoje os índices de criminalidade caíram muito. [...] Bairro Dom Bosco tem o Fabricio Jesus Melo da facção CV. A droga vinha do RJ, ele está preso, mas ainda comanda o tráfico da cadeia. Ele era muito violento. No Santo Agostinho, tem o Morro da Conquista. [...]. Nen sapão, foi preso recentemente, chamado de Psico, que vem

de psicopata, um cara violento e perigoso, fizeram até um vídeo ameaçando o delegado. Mas o delegado conseguiu desarticular a quadrilha e prender todos os integrantes. Foi preso em São João Del Rei. [...] Geralmente quem pratica crimes são pessoas reincidentes, já que esses não conseguem emprego. [...] No tráfico a maioria dos envolvidos são da periferia, são jovens entre 15 e 30 anos. Uns são chamados de mulas, são aqueles que vendem e transportam a droga”. (Danilo, Jornalista do *Diário do Vale*, fevereiro de 2015, Volta Redonda).

Favelas no Rio de Janeiro e São Paulo ou bairros pobres em Resende e Volta Redonda – nesses territórios o tráfico do varejo muitas vezes é bastante presente, pois a interferência do Estado é precária e são locais com inúmeros problemas sociais. Fernandes (2009, p. 107), analisando o mercado varejista do tráfico de drogas em áreas pobres expõe que:

O processo de territorialização do tráfico de drogas em favelas e outras áreas segregadas e estigmatizadas da cidade se configura a partir do uso da violência armada como meio de conquista e manutenção de territórios. A utilização de armas de fogo é não apenas o fundamento da territorialização desses grupos mas também a base da sustentação de sua territorialização. Todavia, a convivência cotidiana com a *comunidade* local e o fato de muitos de seus integrantes serem originários das áreas de ocupação, apontam para utilização de mecanismos de imposição da força que mesclam o poderio armado com estratégias de persuasão e dominação mais sutis, porém não menos violentos. O fato é que esses grupos se fortalecem em sua base territorial de atuação ao estabelecerem uma relação de “reciprocidade forçada” (DOWDNEY, 2003) com os moradores das áreas controladas.

O autor, analisando especificamente os motivos pessoais que faz uma pessoa entrar no tráfico, aponta que a busca por melhorias na renda é um motivo forte, porém, existem ainda fatores relacionados ao pertencimento ao grupo, visibilidade, prestígio e poder. Obviamente que as influências de amigos e parentes são bastante fortes. Todavia, nesse caso, é deixada de lado uma análise mais ampla, que discuta sobre os mecanismos de produção da pobreza e da criminalidade. É criado, na verdade, um determinismo espacial, ligando favelados à criminalidade, à sustentação de estereótipos e ideologias relacionadas ao “mito da marginalidade” como já analisado por Perlman (2002). Além disso, o autor, baseando-se em Silva e Leite (2007), analisa que o morador da favela tem que viver a ordem do silêncio, pois denunciar o tráfico significa “morrer” e muitas vezes a polícia é corrupta e favorece o tráfico.

Durante as entrevistas, percebemos que o tráfico, tanto em Resende como Volta Redonda, não tem dimensões tão profundas como o que ocorre no Rio de Janeiro, segundo a opinião dos entrevistados, é mais “pulverizado”. Os traficantes de facções rivais territorializam esses bairros com o uso de armas e da violência, porém, os moradores não mencionaram a existência de cobranças de taxas, ou proibições de ir e vir. Muitos afirmaram que problemas de brigas, lesões e mortes ocorrem mais entre traficantes, tratando a questão com certa “naturalidade”. Podemos analisar essa questão por dois vieses: por um lado, a ocorrência desses crimes é inferior a gravidade dada pela mídia, ou por outro, que as pessoas já estariam “acostumadas” em viver com essa realidade criminal.

“Agora não está tão violento, está diminuído de uns 15 anos para cá. A maioria morreu, outros estão muito velhos, sossegaram, ou estão presos. Antes era uma disputa entre Paraíso e Cabral, hoje virou uma associação. Os policiais para mim é uma corja. Pegam dinheiro, dá para traficar, pagou traficou. [...] Eles já sabiam qual policial da ronda que ia deixar traficar – ‘hoje tah tranquilo, hoje é fulano’”. (Aline, dona de casa, outubro de 2015, bairro Paraíso, Resende).

“Mortes, tráfico é o foco da morte, os traficantes são daqui mesmo, brigam por nada”. (Camile, Dona de casa, outubro de 2015, bairro Cidade Alegria, Resende).

“Para mim sim, nunca aconteceu nada comigo. Não uso nada para segurança” (perguntei sobre câmeras etc.) [...] lá em cima que é [...] (se referindo ao Morro da Conquista). [...] Tráfico. Brigas, roubos acontece muito, em mercados, farmácias. Vieram do rio para cá, tomaram o morro ai, deu muita briga, até a polícia fez uma operação por helicóptero” (Marcos, aposentado da prefeitura, agente sanitário, morador do bairro Santo Agostinho, novembro de 2015, Volta Redonda).

[...] Matam aqui por guerra do tráfico, mataram aqui na frente, já tem 3 anos. [...] Os matadores tão morto já, as 9 horas eles começam a passar aqui, eles vem comprar, os vendedores estão aqui, os que eu conhecia morreram, se matam só quando entram em guerra, se matam entre eles mesmo” (Joana, senhora dona de casa, 80 anos, moradora da Vila Brasília, novembro de 2015, Volta Redonda).

“Mais ou menos, tem muito tráfico, venda de drogas, de vez enquanto morre um, os meninos novinho já tão na droga” (Anita, menina de 20 anos, moradora do bairro Padre Josimo, novembro de 2015, Volta Redonda).

Podemos afirmar que a territorialização do tráfico de drogas em Resende e Volta Redonda não representa ainda uma fragmentação do tecido sociopolítico-espacial como o que ocorre nas grandes metrópoles – Rio de Janeiro e São Paulo, no entanto, é um processo que parece estar em curso.

## **Considerações Finais**

Em alguns bairros das cidades estudadas, onde as condições socioeconômicas e de infraestrutura urbana são precárias, o tráfico de droga tem tomado espaço, e a presença de facções rivais, tem contribuído para o aumento do número de crimes, como homicídios. No entanto, analisamos que o poder do tráfico nesses bairros, ainda não é um processo tão fragmentador do espaço urbano, se restringindo mais propriamente as pessoas envolvidas com esse crime. Além disso, muitas áreas pobres de ambas as cidades não se destacaram no número de crimes, comprovando que a “pobreza” não é a causadora direta de criminalidade. Podemos analisar pelo esquema (Figura 7) as áreas das duas cidades onde existe essa territorialização do tráfico de drogas. O esquema mostra

também as áreas onde há um volume elevado de crimes (MELARA, 2016) – algumas áreas centrais se destacaram e algumas áreas mais periféricas.<sup>13</sup>

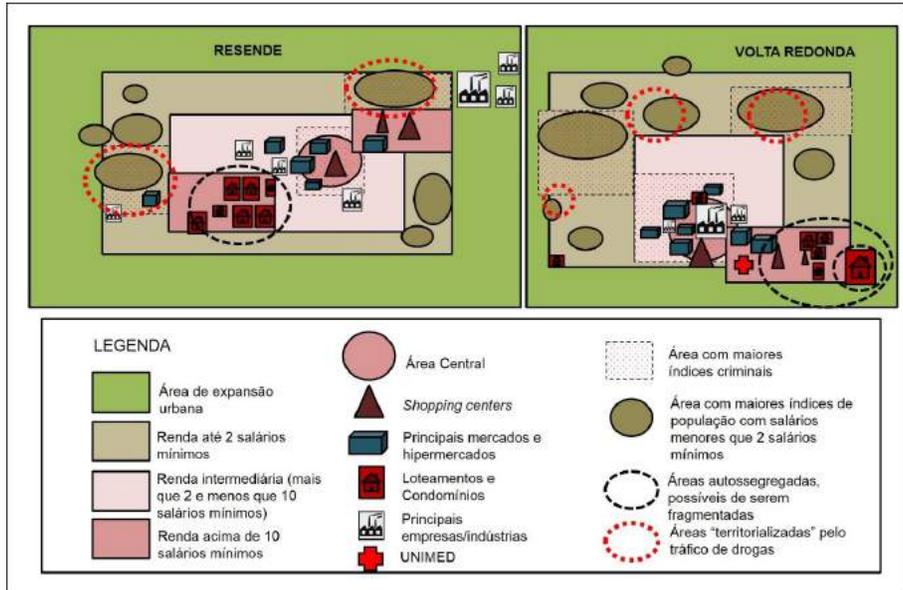


Figura 7 – Esquema da organização da cidade com elementos relacionados à violência, ao rendimento salarial e a processos de segregação, autosssegregação e fragmentação urbana.

Fonte: Melara (2016, p. 268).

Avaliamos ainda que o medo da criminalidade e a insegurança urbana têm feito parte do imaginário das elites de Resende e Volta Redonda, especialmente em relação às áreas territorializadas pelo tráfico. Essa questão, aliada aos processos de reestruturação urbana, favoreceram a realização de práticas socioespaciais em espaços controlados, seja para residir ou para o lazer. Verificou-se também que, os loteamentos e condomínios estão localizados em áreas periféricas valorizadas economicamente, internamente homogêneas e separadas da “cidade aberta” por sistemas de segurança – muros, guardas, cancelas. Sposito e Góes (2013) consideram que há um processo em curso de fragmentação socioespacial nas cidades médias, ainda não totalmente concretizado como nas metrópoles. Em Resende e Volta Redonda, isso também foi analisado, como mostra o esquema, já que é visível um processo de fragmentação do tecido sociopolítico-espacial por parte das elites (SOUZA, 2012).

A produção de “Fortified cells” e “dangerous places” (DAVIS, 1992;1993) tem contribuído para intensificar os processos de fragmentação do tecido urbano nas cidades brasileiras, colocando em risco as representações e práticas socioespaciais de civilidade.

## Referências Bibliográficas

AMORIM FILHO, O.; SERRA, R. V. Evolução e perspectivas do papel das cidades médias no planejamento urbano e regional. In: ANDRADE, T. A.; SERRA, R. V. (orgs.). *Cidades médias brasileiras*. Rio de Janeiro: Ipea, 2000. p. 1-34.

ANDRADE, T. A. A.; SERRA, R. V. O desempenho das cidades médias no crescimento populacional brasileiro no período de 1970/2000. In: ANDRADE, T. A.; SERRA, R. V. (orgs.). *Cidades médias brasileiras*. Rio de Janeiro: Ipea, 2000. p. 129-169.

CERQUEIRA, D.; LIMA, R. S. de; BUENO, S.; VALENCIA, L. I.; HANASHIRO, O.; MACHADO, P. H. G.; LIMA, A. S. *Atlas da violência 2017*. Ipea. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/170602\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2017.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf). Acesso em: jun. 2017.

CORRÊA, R. L. (1991 – Boletim de Geografia Teorética). Segregação residencial – classes sociais espaço urbano. Texto apresentado no curso de Pós-graduação em Geografia, PPGG/UFRJ, 2011.

DAVIS, M. (1990). *Cidade de Quartzos: escavando o futuro em Los Angeles*. Tradução: Renato Aguiar. São Paulo: Scritta Editorial, 1993.

\_\_\_\_\_. *Fuerte los Ángeles: La militarización del espacio urbano*. In: SORKIN, M. (org.). *Variations on a theme park: the new american city and the end of public space*. New York: Hill and Wang, 1992.

ELLIN, N. *Posmodern urbanismo*. Cambridge: Blackwell Publishers Ltd., 1996.

\_\_\_\_\_. *Shelter form the storm or form follows fear and vice versa*. In: ELLIN, N. (org.). *Architecture of fear*. Princeton Architectural Press: New York, 1997. p. 13-45.

FERNANDES, F. L. *Violência, medo e estigma: efeitos socioespaciais da “atualização” do “mito da marginalidade” no Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 2009.

HARVEY, D. (1989). *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2009. 349 p.

IBGE. Censo do IBGE, 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: ago. de 2010.

IBGE. Censo do IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em: abril de 2013.

Ipea. Disponível em: <http://www.redbcm.com.br/arquivos/bibliografia/pesquisa%20ipea.pdf>. Acesso em: abril, 2013.

MELARA, E. *Espaços fechados e insegurança urbana: loteamentos e condomínios em Resende e Volta Redonda (RJ)*. Rio de Janeiro, 2016. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 2016.

PAIXÃO, A. L. Crimes e criminosos em Belo Horizonte, 1932-1978. In: PINHEIRO, P.S. (org.). *Crime, violência e poder*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PEDRAZZINI, Y. *A violência das cidades*. Tradução de Giselle Unti. Petrópolis: Vozes, 2006.

PERLMAN, J. *O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

RECIME. Disponível em: <http://www.recime.org/>. Acesso em: set. 2014.

RODRIGUES, A. M. Loteamentos murados e condomínios fechados: propriedade fundiária urbana e segregação socioespacial. In: VASCONCELOS, P. de A.; CORRÊA, R. L.; PINTAUDI, S. M. *A cidade contemporânea: segregação espacial*. São Paulo: Contexto, 2013.

SILVA, W. R. Centralidade, *shopping centers* e reestruturação das cidades médias. In: MAIA, D.S.; SILVA, W.R.; WITHACKER, A. M. (orgs.). *Centro e centralidade em cidades médias*. São Paulo: Unesp – Cultura Acadêmica, 2017. v. 1. p. 199-226.

SILVA, W. R. *Shopping Centers* e a redefinição da centralidade em cidades médias brasileiras. In: MAIA, D.S.; SILVA, W. R.; WITHACKER, A. M. (orgs.). *Centro e centralidade em cidades médias*. São Paulo: Unesp – Cultura Acadêmica, 2017. v. 1. p. 227-285.

SOUZA, M. L. de. (1996). As drogas e a “questão urbana” no Brasil: a dinâmica socioespacial nas cidades brasileiras sob a influência do tráfico de tóxicos. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (org). *Brasil: questões atuais da reorganização do território*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

\_\_\_\_\_. (1999). *O desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática socioespacial nas metrópoles brasileiras*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

\_\_\_\_\_. (2001). *Mudar a cidade: uma introdução ao planejamento e à gestão urbanas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

\_\_\_\_\_. *A prisão e a ágora: reflexões em torno da democratização do planejamento e da gestão das cidades*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

Eliane Melara

\_\_\_\_\_. *Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

\_\_\_\_\_. *Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013a.

SPOSITO, M. E. B. (org.) As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: SPOSITO, M. E. B. (org.). *Urbanização e cidades: perspectivas geográficas*. Presidente Prudente: GAsPERR – FCT/Unesp, 2001.

\_\_\_\_\_. *Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SPOSITO, E. S.; SPOSITO, M. E. B.; SOBARZO, O. (orgs.). *Cidades médias: produção do espaço urbano e regional*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

\_\_\_\_\_. Novos conteúdos nas periferias urbanas das cidades médias do Estado de São Paulo, Brasil. *Investigaciones Geográficas, Boletín del Instituto de Geografía-UNAM*, n. 54, 2004. p. 114-139. Disponível em: <http://www.igeograf.unam.mx/instituto/publicaciones/boletin/bol54/b54art7.pdf>. Acesso em: dez de 2006.

\_\_\_\_\_. *O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo*. Presidente Prudente, Tese (Livre docência), Universidade Estadual Paulista, 2004.

\_\_\_\_\_. Segregação socioespacial e centralidade urbana. In: VASCONCELOS, P. A.; CORRÊA, R. L.; PINTAUDI, S. M. *A cidade contemporânea: segregação espacial*. São Paulo: Contexto, 2013.

SPOSITO, M. E. B.; GOÉS, E. M. *Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial*. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

WASELFISZ, J. J. *Mapa da violência 2012: os novos padrões de violência homicida no Brasil*. São Paulo: Instituto Sangari, 2011.

\_\_\_\_\_. *Mapa da violência 2014: homicídios e juventude no Brasil, atualização 15 a 29 anos*. Brasília: Secretaria-Geral da Presidência da República; Secretaria Nacional de Juventude; Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2014.

ZALUAR, A. *Condomínio do diabo*. Rio de Janeiro: Revan, 1994.

Recebido em: 14/12/2017      Aceito em: 18/12/2017

<sup>1</sup> Para uma discussão sobre cidades de porte médio e cidades médias, consultar: Amorim Filho e Serra (2000), Andrade e Serra (2000), Sposito (2001, 2004, 2006), especialmente os livros organizados pela ReCiMe, como: Cidades médias: produção do espaço urbano e regional (2006) e Cidades médias: espaços em transição (2007).

<sup>2</sup> Unidades Territoriais Municipais da Microrregião Geográfica Vale do Paraíba Fluminense: Barra Mansa, Itatiaia, Pinheiral, Pirai, Porto Real, Quatis, Resende, Rio Claro, Volta Redonda.

<sup>3</sup> Resende cresceu 14,55% e Volta Redonda 6,58%, entre 2000 e 2010 (IBGE).

<sup>4</sup> De acordo com a lei, é ilegal fechar um loteamento, por isso, é mais correto utilizar o termo “loteamentos murados”. A Lei 6.766/1979 se caracteriza pelo parcelamento do solo urbano, acompanhado de infraestrutura, sendo as ruas e espaços públicos de responsabilidade do município ou Estado. Fechar um espaço desses é inconstitucional, pois deve estar aberto ao público. Já os condomínios fechados seguem a Lei 4.591/1964, que estabelece que os moradores são proprietários de frações ideais de terrenos, das áreas de circulação e das áreas livres. Os moradores também são responsáveis pela manutenção, pois as áreas são de uso coletivo, e precisam pagar o IPTU. Por isso, nesse artigo, usaremos os termos loteamentos murados e condomínios fechados (RODRIGUES, 2013; SOUZA, 2013; SPOSITO & GÓES, 2013).

<sup>5</sup> Como colocado na metodologia, foram realizadas entrevistas com pessoas estratégicas para realização dessa pesquisa.

<sup>6</sup> O mapeamento de dados referentes a renda pode ser visualizado na tese de Melara (2016).

<sup>7</sup> Esse é apenas um dos motivos que pode influenciar na opção das elites em se alocar em áreas mais periféricas. Além disso, no Rio de Janeiro, por exemplo, as áreas centrais vêm sofrendo consecutivas mudanças, com obras que tendem a “expulsar” as camadas mais populares, e a inserção de capital público e privado tem aumentado os valores no setor imobiliário, favorecendo a “volta” das elites para essas áreas.

<sup>8</sup> Uma renda salarial de 5 mil reais para uma cidade como Rio de Janeiro tem um poder de consumo bem menor se compararmos com Resende e Volta Redonda, por exemplo.

<sup>9</sup> Dados dos estudos de Waiselfisz (2011) e do Cerqueira et al. (2017), comprovam que desde 2003 os crimes têm diminuídos nas metrópoles Rio de Janeiro e São Paulo.

<sup>10</sup> Considerando os crimes relacionados a homicídios, lesões corporais, roubos, furtos e tráfico de drogas.

<sup>11</sup> Foram dados nomes fictícios aos entrevistados – moradores de espaços residenciais controlados e autoridades policiais.

<sup>12</sup> É importante colocar que o centro comercial de Resende fica no bairro 13-Campos Elíseos, e em Volta Redonda se concentra na parte mais próxima do Rio Paraíba, parte do bairro 51-Vila Santa Cecília e 30-Retiro.

<sup>13</sup> Na tese de Melara (2016) foi realizado um mapeamento com vários tipos de crimes – homicídios, lesões corporais, furtos, roubos e tráfico de drogas. Foi analisado que, algumas áreas periféricas se destacaram em vários tipos de crimes, especialmente aqueles contra a vida. Já a área central se destacou pela quantidade elevada de crimes contra o patrimônio.